

Espaços e Paisagens

*Antiguidade Clássica
e Heranças Contemporâneas*

Vol. III

**Francisco Oliveira, Jorge Oliveira
e Manuel Patrício**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

OS JARDINS DE TERA

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA
Universidade de Coimbra

Abstract

After a short geographical and historical outline of prehistoric Thera, special attention is paid to the frescoes depicting the beautiful landscape of the island, namely the so called “Subtropical landscape”, the “sea daffodils” and, most of all, the “Spring fresco” with its flying swallows and flowering lillies.

Keywords: Cycladic art, frescoes, Minoan art, Prehistoric Thera

Palavras-chave: arte cicládica, arte minóica, frescos, Tera pré-histórica

Escreveu um dia o poeta Elytis, um dos maiores da Literatura Neo-helénica do nosso tempo, que “a Grécia repousa sobre o mar”. Se olharmos para o mapa (fig. 1), logo nos aparece o seu perfil recortado, cercado de ilhas de extensão variável, em número de mais de três mil, conquanto não cheguem a duzentas as que são habitadas. Mesmo assim, basta referir algumas delas, para fazer ecoar na nossa memória os nomes de muitos dos grandes vultos que estão na base da cultura ocidental – e isto, mesmo que já poucos aceitem que Homero seja natural de Quios e alguns, como Barry Powell e outros tendam a colocar a passagem à escrita dos Poemas na ilha de Eubeia, um dos maiores reservatórios de surpresas dos últimos tempos.

Muito haveria que dizer dos vários arquipélagos em que se agrupam, mas é no das Cíclades que vamos centrar a nossa atenção. Em número de cinquenta e seis, formam quase um círculo em volta de Delos, lugar mítico do nascimento de Apolo.

Se daí lhes adveio o nome, ou se a origem desta é outra, muitos o discutem¹. Interessante é saber que nelas predomina o mármore (e quem não se lembra dos mármores de Paros?), com exceção de duas situadas a Sul, Tera e Melos, que são de origem vulcânica.

Precisamente Tera, a mais meridional, terá sido habitada desde a segunda fase do Cicládico Antigo (3200 – 2000 a.C.). Porém, à volta de 1500 a.C., na sequência de uma grande erupção vulcânica, a ilha ficou de tal modo destruída que a sua configuração passou a assemelhar-se a uma meia-lua, e a sua extensão ficou reduzida a metade (fig. 2). Deixando de parte a sua história subsequente (que terá recomeçado com a ocupação micénica, no final do séc. XIII a.C. e passado pelas mãos de diversos outros povos), atentaremos de preferência nas consequências dessa erupção (fig. 3). A ilha fica coberta de cinzas e de lava. A espessura das camadas de cinza chega a atingir 50 a 60

¹ Das denominações da ilha e da sua história fala Heródoto 4.147-151, afirmando que a mais antiga era a de Strongule (“a arredondada”). Sobre o valor dessas informações, veja-se o comentário de Aldo Corcella na edição da coleção Lorenzo Valla (Milano 1993) 382 sqq.

metros. A caldeira que hoje se observa tem impressionantes dimensões (fig. 4), e as suas paredes constituem para o geólogo “um museu estratigráfico único”, conforme escreveu Chr. Doumas, actual director das escavações².

A vulcanologia encontra aqui um exemplo de erupção que só ocorre em determinadas situações. E Tera fica no encontro da placa tectónica egeia e africana. Com todas estas condições, preparam-se os caminhos para que à arqueologia e à história da arte se venham a deparar informações surpreendentes contidas em tão grande área soterrada.

Mas foi um longo processo, ainda em curso. Por mais surpreendente que pareça, o primeiro grande impulso proveio da tecnologia – ou tecno-ciência, se preferirem –, que alguma vez havia de dar vantagem às Ciências Humanas. Veio ele na sequência da abertura do Canal do Suez (1859-1869), que determinou a necessidade da procura de pedra-pomes em enorme quantidade, a fim de isolar os lados da construção sub-aquática. Ora essa matéria-prima encontrava-se e encontra-se em abundância, como já vimos, na ilha de Tera. É assim que principiam a aparecer nessa zona vestígios de edificações pré-históricas. Em 1867, quando o geólogo francês F. Fouqué começou a trabalhar na ilha, em breve formulou a hipótese de que ali poderia estar “uma Pompeia pré-histórica”³.

Porém, só passados muitos decénios, 1932, o arqueólogo grego Spyridon Marinatos decide comprovar a fidedignidade da antiga tradição, recolhida por Estrabão 10.4.8, segundo a qual Amnisos, na Creta oriental, fora o porto de mar do rei Minos. As escavações aí empreendidas pelo famoso especialista confirmaram a existência de edificações (uma delas com frescos florais), datáveis do Minóico Médio, que teriam sido destruídas e abandonadas cerca de 1500 a.C., e não mais habitadas. Relacionando estes dados com a hipótese de Philipson, de que a explosão do Krakatoa, em 1883, nas então chamadas Índias Orientais Neerlandesas, devia ter sido precedida por uma muito semelhante em Tera, o mesmo Marinatos apresentou em 1939 a sua teoria de que essa catástrofe estava na origem do declínio da civilização minóica e que também esse extremo oriental da ilha de Creta fora abrangido pela terrível erupção vulcânica.

Ora a importância de Creta era bem conhecida desde que, em 1900, Sir Arthur Evans revelara a existência e o esplendor do palácio de Minos, em Cnossos. Outros vieram juntar-se-lhe com o decorrer do tempo, como Phaistos, Mallia, Zakro. Mas já em Cnossos se haviam achado belas pinturas murais, como o célebre e enigmático “Salto do Touro”, que todos conhecem, bem como a chamada “Parisiense” ou a decoração da Sala do Trono, e duas que vamos aqui recordar, pela sua sugestiva frescura: o Príncipe das Flores de Lis (fig. 5), que caminhava no meio de dois tufos de

² Chr. Doumas 1993 9.

³ Chr. Doumas 1879.

flores, e o Pássaro Azul, pousado numa rocha, ao lado de águas correntes, no meio dos caules finos das plantas (fig. 6).

A semelhança de motivos e de estilo com as pinturas que começaram a aparecer em Tera, no local de Akrotiri, onde escavou Marinatos entre 1967 e 1974, é notável. Pode mesmo afirmar-se que a sua arte é, em muitos aspectos, minóica, mas que, ao mesmo tempo, se distancia das convenções cretenses, pela sua maior liberdade de concepção, de desenho e de composição, que, como tem sido notado, a aproxima do naturalismo.

Antes, porém, de avançar nesta breve apresentação, façamos um parêntese, para especificar que estas pinturas são habitualmente chamadas frescos, mas, conforme acentuou Christos Doumas, o comentador da obra de Spyridon Marinatos, essa não é a designação apropriada⁴. Efectivamente, a técnica usada não é a mesma. Supõe-se, diz ele, que o artista começava o seu trabalho quando o gesso estava ainda fresco nas paredes, mas que ele não se preocupava em o manter nesse estado, de modo que, quando a pintura ficava completa, já a superfície se encontrava completamente seca. Essa circunstância podia levar a que a cor empregada formasse escamas. De qualquer modo, a parte da parede destinada a ser pintada esfregava-se, supõe-se que com certos seixos, enquanto ainda estava húmida. Assenta esta explicação no facto de se terem encontrado centenas de seixos desses com superfícies lisas, originadas nessa prática. Note-se ainda que, numa e noutra ilha, as cores usadas eram vermelho, negro, amarelo, azul e preto.

Tal como em Creta, encontram-se em Tera motivos humanos, animais e vegetais. É sobretudo a estes últimos que vamos cingir-nos, principiando pela longa pintura que é costume chamar “Paisagem sub-tropical” (fig. 7). Aqui, um rio corre, sinuoso, entre margens onde crescem arbustos e florescem plantas. Numa dessas curvas e contracurvas avista-se um gato selvagem a avançar, rápido, de olhar feroz e boca aberta, em direcção a um pato selvagem desprevenido que, de cabeça voltada para trás, alisa as penas.

No mesmo aposento, vêem-se mais duas pinturas, que representam cada uma, embora em posições diferentes, um pescador a exhibir o produto do seu trabalho (fig. 8). Repare-se como os peixes apanhados e presos a uma corda se dispõem simetricamente, tendo por trás um animal da mesma espécie, mas muito maior. A cabeça dos pescadores está envolvida numa espécie de touca pintada de azul, mas com mechas de cabelo negro agarradas. Uma representação semelhante ocorre no chamado “Fresco dos Jogadores de Boxe”, onde duas crianças se exercitam na prática desse desporto. Em relação a estes últimos, Marinatos observa que parece tratar-se de cabeleiras, mas a cena poderá ser uma simples brincadeira, e não um combate a sério⁵. De

⁴ Op. cit., 34.

⁵ S. Marinatos 1972 21.

qualquer modo, tal interpretação não parece poder aplicar-se aos pescadores que temos na nossa frente⁶.

Diversas são as questões suscitadas pelo fresco dos “Antílopes”, da espécie *Onyx Beissa*, originária da África oriental (fig. 9). Aqui todos admiram a sugestão da rapidez de movimentos desses animais, reforçada pelas linhas mais espessas de alguns contornos. Mas outra questão se põe: tratar-se-á de um motivo sugerido pela arte egípcia, onde ele é frequente, ou da observação directa de animais importados, existentes na fauna insular? Marinatos, que formula estas hipóteses, compara este fresco com o dos “Macacos” (fig. 10), que suscita dúvidas semelhantes à última mencionada, lembrando embora que ela também ocorre em relação à existência desse animal no rochedo de Gibraltar⁷. A este propósito, seja-me permitido lembrar a surpresa com que se soube, há alguns anos, do aparecimento de ossadas de leão no palácio de Diomedes, em Tirinto, quando se julgava até aí que não havia explicação plausível para a presença dessa fera nos símiles homéricos.

Voltando ao fresco dos “Macacos”, admira-se nele, e com toda a razão, a sugestão da rapidez na fuga desses animais, por cima dos rochedos. Talvez perseguidos por cães, só o último volta a cabeça para trás.

Exclusivamente vegetal é a decoração do friso da chamada “Casa das Damas” (fig. 11), com tufos de uma planta da família dos papiros (o *pancratium maritimum*), escalonados ao longo das paredes.

Mas o mais famoso de todos – e só estivemos a apreciar uma selecção – é o denominado “Fresco da Primavera”, que ocupa três paredes do aposento Δ2 (fig. 12). De uma paisagem com altos e pontiagudos rochedos vulcânicos, brotam açucenas em flor, “a mais nobre criação do Festival Mediterrâneo da Primavera”, como lhe chamou Marinatos⁸. O mesmo especialista observou ainda que tanto pode tratar-se do *Lilium Candidum* como do *Lilium Chalcedonicum*, ou seja, da açucena vermelha, que só na Grécia se encontra em estado selvagem. A esta profusão de elementos minerais e vegetais, acresce a representação de andorinhas em voo, que não podiam faltar num quadro destes. Ora em pares, como na parede de fundo, ora sozinhas, de perfil, na parede à esquerda do observador, ora de frente, a apanhar um insecto (fig. 13); ou novamente em pares, como na parede à direita (fig. 14) – tudo se conjuga para animar este cenário de vitalidade e de frescura.

Na ilha de Tera permanecem as casas no lugar onde Marinatos as descobriu (fig. 15). Numa delas, no lugar onde o grande arqueólogo perdeu a vida, guardam-se agora, por uma permissão extraordinária da Igreja Ortodoxa, os seus restos mortais. Os frescos, esses, estão hoje resguardados nas salas do último andar do Museu Nacional de Atenas. Mas todos os anos ressurgem do

⁶ Note-se que o fresco da chamada “Sacerdotisa” dá uma versão feminina do mesmo uso.

⁷ Op. cit., 21.

⁸ Op. cit., 20.

solo, entre miríades de flores, as açucenas vermelhas como as do fresco da Primavera.

Anexos



Fig.1. Mapa da Grécia com as Cíclades



Fig.2. Mapa da ilha de Tera após a erupção



Fig.3. Vista das lavas de Tera



Fig.4. Caldeira



Fig.5. Príncipe das flores de Lis (Creta)



Fig.6. Pássaro Azul (Creta)



Fig.7. Paisagem sub-tropical



Fig.8. Pescadores



Fig.9. Antílopes



Fig.10. Macacos Azuis



Fig.11. Papiros (*pancratium maritimum*)



Fig.12. Fresco da Primavera (tudo)



Fig.13. Fresco da Primavera, parede esquerda (andorinha em voo, de perfil; andorinha de frente, a apanhar um insecto)



Fig.14. Fresco da Primavera, parede direita (par de andorinhas)

Bibliografia

- Chr. Doumas (1993), *Santorini. A Guide to the Island and its Archaeological Treasures*. Athens.
------(1979), *Santorini et ses éruptions*. Paris.
S. Marinatos (1972), *Life and Art in Prehistoric Thera*. London.